

TRADUÇÃO COMO PRÁTICA DE RESISTÊNCIA E INCLUSÃO:

Vozes Femininas Negras

ORGANIZADORAS

Norma Diana Hamilton

Alessandra Ramos de Oliveira Harden



Pesquisa,
Inovação
& Ousadia

EDITORA



UnB



Universidade de Brasília

Reitora
Vice-Reitor

Márcia Abrahão Moura
Enrique Huelva

EDITORA



UnB

Diretora

Germana Henriques Pereira

Conselho editorial

Germana Henriques Pereira (Presidente)
Fernando César Lima Leite
Ana Flávia Magalhães Pinto
César Lignelli
Flávia Millena Biroli Tokarski
Liliane de Almeida Maia
Maria Lidia Bueno Fernandes
Mônica Celeida Rabelo Nogueira
Roberto Brandão Cavalcante
Sely Maria de Souza Costa
Wilsa Maria Ramos



TRADUÇÃO COMO PRÁTICA DE RESISTÊNCIA E INCLUSÃO:

Vozes Femininas Negras



ORGANIZADORAS

NORMA DIANA HAMILTON

ALESSANDRA RAMOS DE OLIVEIRA HARDEN



	Equipe editorial
Coordenadora de produção editorial	Marília Carolina de Moraes Florindo
Revisão	Norma Diana Hamilton Alessandra Ramos de Oliveira Harden
Diagramação	Laissa Reis Larissa Brasil
Foto de capa	René Strehler

© 2021 Editora Universidade de Brasília

Direitos exclusivos para esta edição:
 Editora Universidade de Brasília
 SCS, quadra 2, bloco C, nº 78, edifício OK,
 2º andar, CEP 70302-907, Brasília, DF
 Telefone: (61) 3035-4200
 Site: www.editora.unb.br
 E-mail: contatoeditora@unb.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade de Brasília
 Heloiza Faustino dos Santos - CRB 1/1913

T763 Tradução como prática de resistência e inclusão : vozes femininas negras / organizadoras Norma Diana Hamilton, Alessandra Ramos de Oliveira Harden. – Brasília : Editora Universidade de Brasília, 2021.
 228 p. ; 23 cm. – (Pesquisa, inovação & ousadia).

ISBN 978-65-5846-000-8.

1. Escritoras negras. 2. Resistência. 3. Tradução. 4. Interface gênero e raça. I. Hamilton, Norma Diana (org.). II. Harden, Alessandra Ramos de Oliveira (org.). III. Série.

CDU 81`25:82

SUMÁRIO



Apresentação _____ 7

Norma Diana Hamilton
Alessandra Ramos de Oliveira Harden

Literatura feminina negra e tradução: mapeando (in)visibilidades _____ 15

Norma Diana Hamilton
Gleiton Malta

Yvonne Vera: a análise de sua criação de prosa por meio da poesia como aporte para a tradução de seus contos _____ 53

Cibele de Guadalupe Sousa Araújo

A escrita caribenha: corações migrantes, memórias e relações _____ 89

Dyhorrani da Silva Beira

**A tradução comentada de “The invention of women”:
um diálogo com Beatriz Nascimento e Lélia Gonzalez** _____ 123

Gardênia Nogueira Lima
Alessandra Ramos de Oliveira Harden

**A escrita de Conceição Evaristo em uma perspectiva interseccional:
literatura afro-brasileira em tradução** _____ 163

Marcela Iochem Valente

**O corpo feminino negro tradutor: a construção de narrativas
nacionais na diáspora** _____ 191

Valeria Lima de Almeida

Últimas palavras às(aos) leitoras(es) _____ 225

Norma Diana Hamilton
Alessandra Ramos de Oliveira Harden

APRESENTAÇÃO



A TRADUÇÃO COMO PRÁTICA POLÍTICA PARA A INCLUSÃO DE VOZES FEMININAS NEGRAS

Norma Diana Hamilton

Alessandra Ramos de Oliveira Harden

A tarefa de traduzir a produção das vozes femininas negras é, sobretudo, uma ação política. Assim ocorre porque publicações dessa natureza contribuem para a visibilidade da mobilização de intelectuais e escritoras negras por meio de suas escritas, que têm construído uma tradição epistemológica feminina negra. Representa, também, uma contra produção e resistência à epistemologia eurocêntrica, em que o sujeito feminino negro é distorcido e negligenciado. Um conjunto da produção das intelectuais e escritoras negras, além de denunciar a opressão estrutural (CRENNSHAW, 1989) que sofrem as mulheres negras em sociedades patriarcais racistas, reivindica outros espaços e direitos, apresentando imagens mais adequadas e justas sobre o sujeito feminino negro. No ato político de representar a si mesmas, essas vozes se tornam a autoridade de sua própria história, “a oposição absoluta do que o projeto colonial predeterminou” (KILOMBA, 2019, p. 28).

De fato, a luta política não é estranha ao campo fértil dos Estudos da Tradução. A História e a Historiografia da Tradução estão repletas de exemplos de como tradutoras(res) utilizaram seu trabalho e sua habilidade linguística para importar modelos políticos, científicos e literários, promover reflexões em variados campos do saber e, assim, subverter o *status quo* (DELISLE, 1998). Talvez tirando proveito do senso comum de que seu ofício (ou arte?) se dá de forma neutra e transparente, tradutoras(res) puderam propagar as mais diversas ideias, contribuindo imensamente para que chegássemos ao ponto de desenvolvimento social e político atual. Tendo em vista esse cenário, só é possível se chegar à conclusão de que não há neutralidade na tradução. Para o bem ou para o mal, a inteligência de tradutoras(es) a serviço de alguma força, seja ela estética, seja política.

Felizmente, os Estudos da Tradução e os Estudos Literários seguem o caminho que vem sendo trilhado por outras áreas das Humanidades e das Letras. Percebem-se como parte da sociedade, o que significa se aproximar das pessoas e da vida que levam, ainda que obedecendo a princípios e metodologias de pesquisa que parecem às vezes abstratos em demasia. Dessa forma, estão abertos e prontos para ouvir as muitas vozes que constituem o nosso mundo, em especial aquelas que têm sido silenciadas por processos históricos – mesmo quando gritam alto na tentativa de serem ouvidas.

A tradução, esse processo que ainda escapa à explicação lógica – o escândalo desconcertante descrito por Mounin (1975) –, tem o mágico efeito de acabar com o silêncio forçado e com a paz artificial trazida por ele. A crença na força do fazer tradutório e no poder contido na linguagem inspira as autoras dos textos aqui reunidos. Embora tenham objetos de estudo variados, todas consideram que a tradução também é, e deve ser cada vez mais, uma ferramenta para atuação no mundo. Juntam-se, dessa forma, a investigadores cujo interesse comum se situa no vínculo entre o ato tradutório e questões de gênero, raça e relações de poder¹.

¹ Nesse sentido, somente no tocante ao Brasil, citamos, entre muitos outros trabalhos importantes e reveladores, os seguintes: Araújo; Silva; Silva-Reis (2019) (dossiê com coletânea de artigos); Nascimento dos Santos (2014), Silva (2018); Hamilton (2018).

Oferecemos aqui o resultado de reflexões acerca do desfazer do silêncio. São pesquisas desenvolvidas por acadêmicos de universidades públicas do Brasil e expostas na mesa redonda intitulada *Vozes Femininas Negras em Tradução*, no XXII Congresso Internacional de Humanidades, realizado na Universidade de Brasília em 2019. Para celebrar o alarido das vozes que se fizeram ouvir, apresentamos a seguir os capítulos que compõem esta coletânea.

O primeiro, de autoria de Norma Diana Hamilton e Gleiton Malta, é um estudo que integra um conjunto de investigações realizadas pelo grupo de pesquisa MapTrad, sediado na Universidade de Brasília. Inserido no campo disciplinar dos Estudos da Tradução, é um mapeamento da autoria feminina negra de língua inglesa nas Américas e na África e da sua tradução no Brasil. A literatura feminina negra tem contribuído para a construção de um espaço em que as mulheres negras podem alcançar certa expressão de subjetividade, buscando construir imagens positivas e reais de si para se inserirem em espaços nos quais lhes foi negada a existência. A relevância do mapeamento realizado está na necessidade de se analisar o lugar ocupado por essa literatura no campo geográfico delimitado – as Américas e a África – e, mais especificamente, o espaço da tradução das escritoras anglófonas no sistema literário brasileiro. O resultado, infelizmente, apontou que a recepção da tradução da autoria feminina negra anglófona no campo literário brasileiro se dá em pequena escala; as trocas, nesse contexto, são escassas. Há a expectativa de que a pesquisa descrita no primeiro capítulo possa conferir maior visibilidade à autoria feminina negra e à tradução das obras produzidas, pois, juntos, textos-fonte e textos traduzidos representam valores estéticos e prioridades sociais necessária e intencionalmente diferentes, mas jamais inferiores aos de escritoras(res) consideradas(os) canônicas(os).

No capítulo 2, Cibele de Guadalupe Sousa Araújo traz reflexões e análises acerca da coletânea de contos *Why Don't You Carve Other Animals* (1992), escrita pela renomada ficcionista zimbabuense Yvonne Vera, ainda inédita no sistema literário brasileiro. Cibele Araújo ocupa-se do celebrado e tão característico estilo de prosa poética de Vera como aporte para construir e realizar a tradução. O estilo e o processo de criação da são

abordados por sua inserção em determinados contextos – na esfera social, econômica e política –, os quais possibilitaram a participação da autora nos processos formativos que alinhavam sua relação com a literatura, viabilizando o acabamento dado ao material e ao conteúdo em suas obras. No estudo apresentado, são identificados traços fundamentais e *passagens significantes* que singularizam a obra de Yvonne Vera a fim de amparar as escolhas tradutórias realizadas.

O capítulo 3, produzido por Dyhorrani da Silva Beira, discute determinados elementos composicionais da escrita antilhana. A autora parte da análise de pontos presentes no *Éloge de la Creolité* (BERNABÉ; CHAMOISEAU; CONFIANT, 1993), como o crioulo, a memória, a valorização do passado, a oralidade etc., a fim de elaborar uma reflexão sobre cada um desses fatores e sobre a relação que se estabelece entre a sociedade e a sua representação. Para exemplificar alguns dos pontos abordados, a autora se vale do texto *Corações Migrantes*, de Maryse Condé (2002), o qual apresenta não apenas os tópicos já citados, mas traz à tona também questões próprias às mulheres do Caribe, à mestiçagem, ao mimetismo, às relações entre ricos e pobres, pretos e brancos, à questão da língua e até mesmo à similaridade entre o mundo europeu e o Caribe, uma vez que se trata de uma reescrita de *Wuthering Heights*, de Emily Brontë (1847). Beira aborda aspectos relacionados à tradução de textos antilhanos, o que possibilita compreender o universo e as diversas vozes que se traduzem no espaço mestiço, revelando a transfiguração de uma verdadeira teia de relações que se estabelecem e se reestabelecem a partir dos contatos culturais linguísticos. Portanto, também com base na tradução, transforma-se o que então visto como singular em algo plural.

No quarto capítulo, Gardênia Nogueira Lima e Alessandra Ramos de Oliveira Harden apresentam sugestões de tradução para trechos do ensaio *The invention of women: making an African sense of western gender discourses*, de Oyèrónké Oyěwùmí (1997), que despertem, ao máximo, a atenção da tradutora no momento do seu traduzir. O foco do capítulo é a realização de tradução comentada com a elaboração de notas tradutórias dedicadas a aspectos selecionados da obra da socióloga nigeriana. O objetivo das notas – em uma particularidade que torna o trabalho tão

especial – é construir um texto polifônico, uma conversa entre Oyèrónké e as pensadoras brasileiras Lélia Gonzalez e Maria Beatriz Nascimento, com a mediação da voz da tradutora. A premissa que guia o trabalho é a ênfase na responsabilidade das(os) tradutoras(es) com a diminuição das diferenças de poder por meio da tradução. Assim ocorre ao assumirem, também, o compromisso com a busca por um traduzir que não apague a cultura do texto-fonte, em linha com o que advoga Meschonnic (2010). As autoras baseiam-se no princípio de que os textos de autoras(es) negras(os) demonstram a necessidade de um devir negro epistemológico da sociedade brasileira, conforme Mbembe (2014).

No quinto capítulo, Marcela Iochem Valente escreve sobre a obra de Conceição Evaristo. Traduzida para diferentes idiomas, alcançando considerável visibilidade e reconhecimento em terras estrangeiras, Evaristo apresenta uma escrita fortemente marcada por seu lugar de fala de mulher, negra, de origem humilde, na sociedade brasileira. A obra de Evaristo contrapõe-se a discursos hegemônicos, falocêntricos e racistas, denunciando diferentes formas de violência e exclusão sofridas socialmente por mulheres negras. Apresenta uma dissonância em relação à história do Brasil e ao lugar atribuído à mulher negra tanto nessa história quanto no ambiente literário. Ao promover uma multiplicidade de vozes, Evaristo quebra com o discurso autorizado e único da literatura brasileira – que se pretende universal –, reescrevendo histórias e imagens culturais, com a inserção de novas vozes e olhares que desfazem “o perigo de uma história única” (ADICHIE, 2009), geralmente narrada a partir de pontos de vista dominantes. Em vez de reforçar mitos como o da democracia racial, a escrita de Evaristo destaca conflitos e vulnerabilidades interseccionais existentes no país. É pela força de seus personagens, sujeitos de suas próprias histórias e narradores de suas (sobre)vivências, e a partir de seus olhares afrofemininos abundantes de referências culturais, que Evaristo subverte padrões, quebra barreiras e circula por espaços hegemônicos pelo Brasil e pelo mundo.

O sexto e último capítulo, desenvolvido por Valeria Lima de Almeida, baseia-se em pesquisa desenvolvida pela autora no curso de Mestrado em Linguística Aplicada da Universidade Federal do Rio de

Janeiro. O estudo apresentado visa discutir a construção de narrativas e identidades nacionais, entendendo a experiência afrodiáspórica como ato de tradução que ocorre a partir dos corpos das mulheres negras, portadores da memória dos povos trazidos do continente africano para as Américas. Essa experiência de tradução cultural, entendida também como a recriação de sentidos próprios em outros idiomas e contextos, lastreou o trabalho de diversas intelectuais negras, sobretudo a partir das décadas de 1970 e 1980. Estabeleceu-se, desse modo, uma matriz discursiva contra hegemônica construída por políticas de tradução a serem pensadas por meio da conceituação de quilombo elaborada por Beatriz Nascimento (2014; 2018).

Sinalizamos que, como organizadoras, encorajamos as autoras, na maioria, mulheres negras, a se expressarem livremente no tocante ao estilo de suas escritas para este livro, com o intuito de evitar uma sobreposição autoritária do estilo acadêmico. A teórica social moçambicana-portuguesa negra Grada Kilomba (2010) se refere à importância de a mulher negra realizar sua autoridade, na medida em que ela se torna sujeito no processo da escrita. Ela nos lembra que, assim como em outras instituições, na academia, o sujeito negro, seja masculino seja feminino, foi tratado historicamente como *objeto*, e que, cada vez mais, esse sujeito reivindica o direito de ser um *sujeito* “político, social e individual – em vez de [materializar a] Outridade, encarcerada no reino da objetividade” (2010, p. 81-82). Ela afirma ainda que a realização de tal direito “só se torna concebível quando existe a possibilidade de expressar a [...] realidade e as experiências a partir de sua própria percepção e definição” (2010, p. 82). Apoiamos a visão da teórica, e, desse modo, buscamos promover o direito da autoridade da escrita necessário para o sujeito feminino negro, incentivando nossas autoras a se expressarem suas vozes com liberdade.

Espera-se que esta obra possa contribuir para a visibilidade da produção de intelectuais negras, destacando-se a importância da tradução como prática de resistência e inclusão das vozes femininas negras.

Brasília, 10 de maio de 2021.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. The Danger of a Single Story. *TEDGlobal*. Jul. 2009. Disponível em: <https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story?language=en>. Acesso em: 19 mar. 2021.

ARAÚJO, Cibele G. S.; SILVA, Luciana M.; SILVA-REIS, D. (org.). Dossiê Tradução e Feminismos Negros. *Revista Artemis*, v. 27, n. 1, 2019.

BERNABÉ, Jean; CHAMOISEAU, Patrick; CONFIANT, Raphaël. *Éloge de la Créolité*. Paris: Gallimard, 1993.

BRONTË, Emily. *Wuthering heights: a novel*. London: Thomas Cautley Newby: 1847.

CONDÉ, Maryse. *Corações Migrantes*. Trad. Júlio Bandeira. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

CRENSHAW, Kimberlé. Demarginalizing the intersection of race and sex: a Black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics. *University of Chicago Legal Forum*. v. 1989, n. 1, p.139-167, 1989.

DELISLE, Jean; WOODSWORTH, Judith. *Os tradutores na história*. Trad. de Sérgio Bath. São Paulo: Ática, 1998.

HAMILTON, Norma Diana. Translation and the Anglophone Black Female Literature in Brazil. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, n. 34, 2018, p. 47-57. Disponível em: <<https://revista.abralic.org.br/index.php/revista/article/view/477/579>>. Acesso em 15 ago. 2018.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Trad. de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogá, 2019.

MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. Trad. de Marta Lança. Antígona Editores Refractários, 2014.

MESCHONNIC, Henri. *Poética do traduzir*. Trad. de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Perspectiva, 2010.

MOUNIN, George. (1963). *Os problemas teóricos da tradução*. Trad. de Heloysa de Lima Dantas. São Paulo: Cultrix, 1975.

NASCIMENTO DOS SANTOS, Tatiana. *Letramento e tradução no espelho de Oxum: teoria lésbica negra em auto/re/conhecimentos*. 185p. Tese de doutorado – Departamento de Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2014.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. O Conceito de Quilombo e a Resistência Afro-brasileira. In NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.). *Cultura em Movimento: Matrizes Africanas e Ativismo Negro no Brasil*. São Paulo: Selo Negro, 2014.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. *Quilombola e Intelectual: possibilidade nos dias da destruição*. Diáspora Africana: Editora Filhos da África, 2018.

SILVA, Luciene do Rêgo da. “*Para levantar as mulheres*”: Harriet Ann Jacobs, (re)tradução feminista negra comentada de *Incidents in the life of a slave girl* (1861). 2018. 149 f., Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução). Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

OYĒWŪMÍ, Oyèronkẹ. *The invention of women: making an African sense of western gender discourses*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997.

VERA, Yvonne. *Why Don't You Carve Other Animals*. Toronto: Tsar Publications, 1992.

Este livro foi composto em UnB Pro e Liberation Serif.

TRADUÇÃO COMO PRÁTICA DE RESISTÊNCIA E INCLUSÃO:

Vozes femininas negras

Este livro nasceu do desejo de discutir a (in)visibilidade da autoria feminina negra em sua relação com a atividade tradutória. Subjacente à argumentação dos artigos aqui contidos está o fato de que as produções teóricas e literárias de intelectuais e escritoras negras têm construído uma tradição epistemológica que se contrapõe à visão eurocêntrica e a ela resiste. Nesse sentido, é um conjunto de texto que, além de denunciar a opressão estrutural que sofrem as mulheres negras em sociedades patriarcais racistas, reivindica outros espaços e direitos, gerando representações mais adequadas e justas sobre o sujeito feminino negro. Nesse ato político de representar a si mesmas, essas vozes se tornam a autoridade de sua própria história. A tradução faz parte inegável desse processo, uma vez que define em grande parte quais vozes serão ouvidas, em que línguas e de que forma. Assim, o fazer tradutório se junta à produção de escritoras e intelectuais negras como instância de visibilidade, de crítica e, mais importante, de prática de resistência e inclusão.

